

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
Curso de Psicologia

MARINA COLOGNI ARENZON

Psicoterapia *online* e a abordagem fenomenológica-existencial

SÃO PAULO
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
Curso de Psicologia

Marina Cologni Arenzon

Trabalho de
conclusão de curso como exigência parcial
para graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Prof.^a Carla Regina Calderoni

SÃO PAULO
2021

RESUMO: A produção propõe-se a refletir sobre a prática psicoterapêutica *online*, modalidade regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 2020 decorrente das medidas de distanciamento social impostas pela pandemia do coronavírus, na abordagem fenomenológico-existencial. Em um cenário no qual diversos serviços subitamente migraram à modalidade *online* torna-se relevante a discussão do fazer psicoterapêutico à distância.

Palavras-chave: Psicoterapia *online*, distanciamento social, fenomenologia.

ABSTRACT: The production proposes to discuss the scope of online psychotherapy, regulated by the CFP in 2020 as a result of social distancing, a condition imposed by the coronavirus pandemic. Due to the abrupt migration to online mode, it became relevant to discuss psychological care at a distance. This work has an existentialist phenomenological approach.

Keywords: online psychotherapy, social distancing, phenomenology.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	4.
II.	CAPÍTULO I Terapia online	5.
	I. i. Vantagens e desvantagens	7.
	II. ii. Revisão sobre resultados	8.
III.	CAPÍTULO II Vínculo Terapêutico	11.
	II.i Presencial	11.
	II.ii Online	12.
IV.	CAPÍTULO III Analítica Existencial	15.
V.	CAPÍTULO IV Discussão	21.
VI.	CAPÍTULO V. Conclusão	23.
VII.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 foi reportado pela China o surto de uma nova doença com sintomas respiratórios denominada COVID-19, causada pelo coronavírus e que foi notada pela primeira vez na cidade de Wuhan. O primeiro caso da América Latina foi registrado em São Paulo, Brasil, no dia 26 de fevereiro do ano seguinte, segundo o Ministério da Saúde (2020). A situação foi reconhecida como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde no dia 11 de março de 2020, representando uma emergência de saúde pública internacional (OPAS, 2020). A situação estabelecida pela pandemia do coronavírus fez com que parte da sociedade tivesse que se adaptar às pressas ao modelo de distanciamento social estabelecido, o que fez com que muitos serviços migrassem para o modo *online*, inclusive o serviço psicoterapêutico.

A pesquisa possui finalidade básica e propõe-se à discussão do tema em abordagem qualitativa e procedimento de revisão bibliográfica. Os dados deste estudo foram levantados a partir de revisão sistemática de artigos científicos, documentos e teses que abordam o tema do uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) na prática psicoterapêutica *online* e no fazer terapêutico à distância. Os dados coletados foram discutidos sob método dialético visando trazer à discussão a possibilidade do atendimento psicológico *online* no contexto do distanciamento social causado pelo coronavírus. O tema será desenvolvido dentro do horizonte da fenomenologia existencial heideggeriana.

A partir da observação dos estudos sobre psicoterapia *online* busca-se discutir a possibilidade do fazer terapêutico à distância na linha fenomenológico existencial, abordagem humanista que toma o indivíduo como centro de modo a construir um modelo de ciência humana pautado na experiência e baseado no método da análise existencial heideggeriana. Compreende-se por psicoterapia *online* a prática terapêutica realizada por intermédio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). O texto foi construído a partir de uma revisão sobre terapia *online*, suas vantagens e desvantagens e o desdobramento do vínculo terapêutico em modo presencial e *online*. Em seguida é colocado em pauta os

existenciais e suas implicações no atendimento *online*. A discussão tomará como base a concepção do ser humano como *dasein* (*ser-aí*) de Martin Heidegger, ou seja, um ser lançado no mundo em profunda relação com a experiência.

O primeiro capítulo deste estudo aborda o tema da psicoterapia *online*, vantagens, desvantagens e revisão sobre resultados. Em seguida aborda questões sobre a formação do vínculo terapêutico em modo presencial e online e, por fim, a analítica existencial, discussão e conclusão.

CAP I. Psicoterapia online

A internet proporciona uma diferente maneira de comunicação interpessoal, o que possibilita seu uso na área da saúde mental. Há muito tempo estudos vêm sendo realizados para expandir a compreensão acerca das vantagens e limitações da aplicação da Tecnologia da Informação e Comunicação no tratamento psicológico, podendo citar como exemplo o JANUS¹, Laboratório de Estudos de Psicologia e TICs responsável pela realização de pesquisas e serviços da Psicologia na interface com a tecnologia digital e outras áreas do conhecimento adjacentes.

Em 2018 foi publicada pelo Conselho Federal de Psicologia a resolução **CFP nº11/2018**² atualizando as diretrizes sobre atendimento psicológico *online* e demais serviços realizados por meios tecnológicos, ampliando as possibilidades de oferta de serviços de Psicologia mediados por Tecnologias da informação e comunicação (TICs). A formulação atribuiu ao profissional de Psicologia responsabilidade pela adequação e pertinência dos métodos e técnicas utilizados na prestação de serviços, revogando a necessidade de vinculação a um site, como postulava a resolução anterior (**CFP nº11/2012**). Determinou-se que caberia ao profissional decidir a adequação da técnica, a pertinência do método e o respaldo ético.

¹ Laboratório organizado em 2017 que teve como origem o Núcleo de Pesquisas da Psicologia em Informática (NPPI) formado em 1995 na Clínica Escola da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)..

² CFP. Resolução nº11, de 11 de maio de 2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos por meios de Tecnologias da Informação e da Comunicação e revoga a resolução CFP nº 11/2012.

Segundo resolução do CFP,

“A resolução substitui a oferta “Orientações psicológicas de diferentes tipos realizados em até 20 encontros ou contatos virtuais” por “consulta e/ou atendimento psicológicos” através de um conjunto sistemático de procedimentos e da utilização de métodos e técnicas psicológicas na prestação de serviço nas diferentes áreas de atuação da Psicologia com vistas à avaliação, orientação e/ou intervenção em processos individuais e grupais;”

O número de sessões deixou de ser limitado, derrubando a restrição até então existente que determinava que o Atendimento Psicoterapêutico *online* poderia ocorrer apenas em caráter experimental.

No dia 26 de março de 2020 a resolução sobre a prestação de serviços psicológicos por meio da Tecnologia da Informação e Comunicação foi atualizada pelo Conselho Federal de Psicologia pela nº4/2020³, ampliando a possibilidade de profissionais da área da Psicologia realizarem psicoterapia *online* diante do cenário pandêmico. A resolução visa regulamentar os serviços psicológicos prestados por meio de TICs especificamente durante o período de pandemia. Para isso levou-se em consideração a declaração do estado de pandemia da doença COVID-19 feita pela OMS em 11 de março de 2020, tomando os meios de Tecnologia da Informação e da Comunicação como recurso para trabalho remoto. É reiterada e digna de nota a necessidade do respeito ao Código de Ética Profissional do Psicólogo estabelecido na resolução CFP nº 10/2005, de 21 de julho de 2005 no também no exercício da prática *online*.

As terapias mediadas pelo ambiente virtual podem ser classificadas em síncronas ou assíncronas (BITTENCOURT et Al., 2020). A comunicação síncrona ocorre quando o emissor e receptor se comunicam simultaneamente, como em uma videoconferência, chat *online* ou telefonema. A comunicação assíncrona, por sua vez, ocorre quando a reação não é simultânea, como por exemplo nas trocas de email. Existem também intervenções psicoterapêuticas mediadas pela TICs que

³ CFP. Resolução nº4, de 26 de março de 2020. Regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio da Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia de COVID-19.

utilizam inteligência artificial, realidade virtual, aplicativos de celulares, tarefas e feedbacks *online*.

Este estudo presta-se a analisar e refletir sobre o teleatendimento psicológico síncrono realizado com profissionais da Psicologia, dado que estamos orientados pelo enfoque fenomenológico existencial, pautado na visão heideggeriana de ser como Dasein, na qual exalta-se a importância do encontro com o outro no espaço/tempo aqui e agora, uma vez que somente fatos presentes podem produzir comportamento e experiência (COSTA, LOPES, SAMARIDI, 2017).

I. i. Vantagens e desvantagens da terapia *online*

As vantagens da psicoterapia *online* estão relacionadas à facilidade do acesso, de modo a ampliar a continuidade do acompanhamento terapêutico e reduzir custos de atendimento (SOTO-PÉREZ et. al. 2010). A facilidade de acesso, além de referir-se à questão do transporte e anulação da distância física, refere-se a uma nova possibilidade de atendimento a pacientes estigmatizados e portadores de condições psicológicas específicas que em condição de atendimento presencial não buscariam atendimento psicoterapêutico (PRADO, 2002). É importante ressaltar que, num país onde a desigualdade social é questão estrutural, a facilidade de acesso apenas é válida para pacientes que possuem dispositivos tecnológicos com acesso à internet que permitam a realização da terapia.

As desvantagens, por sua vez, estão relacionadas a questionamentos acerca de um prejuízo sobre os resultados, referente à falta de treinamento profissional adequado para utilização dos meios de trabalho e, principalmente, questionamentos sobre a relação terapêutica em si. Outras questões apontadas como negativas são a dependência dos servidores, a possibilidade de queda da rede durante a sessão e a questão do sigilo. As desvantagens estão diretamente ligadas à ausência do contato pessoal (MORÓN Y AGUAYO, 2018), fator responsável pela resistência até o momento presente à ampla implementação das tecnologias no contexto psicoterapêutico. No âmbito atual de pandemia, por outro lado, essa condição se apresenta como necessária, o que evidencia a pertinência do aprofundamento compreensivo do fazer terapêutico à distância.

I. ii. Revisão sobre resultados

Uma das principais preocupações dos profissionais é a dificuldade de interpretar sinais não verbais do paciente, fator que interfere na construção do laço emocional existente no vínculo terapêutico (CERTUCHE, 2018). Atualmente a videoconferência é a ferramenta que permite maior contato entre paciente e terapeuta dentre as opções de psicoterapia síncronas realizadas à distância, visto que o recurso da imagem permite captar, ao menos em parte, a comunicação não verbal do paciente, oferecendo a oportunidade de transmissão e captação de sentimentos de afeto, aceitação, compreensão e a possibilidade de estar presente para o outro de maneira autêntica. Tais fatores favorecem a construção e fortalecimento do vínculo terapêutico e são determinantes para um resultado positivo.

“A interação por meio de uma tela mostrou que pode-se transmitir emoções para que o paciente se sinta acolhido, para que sinta que sua terapeuta esteja presente de maneira incondicional e autêntica, neste sentido, a modalidade apresenta mais vantagens do que restrições.” (Certuche, 2018, p.36)

A construção de uma relação terapêutica é possível tanto a nível virtual como presencial, cada uma com suas especificidades (Proaños & Porras 2020). Estudos com intervenções psicoterapêuticas via internet com grupos comparativos presenciais apontam resultados similares nos modelos *online* e presencial (MORÓN y AGUAYO, 2018). Estudos sem comparativo presencial apontam a satisfação dos pacientes com os resultados da psicoterapia *online* (MORÓN y AGUAYO, 2018).

Certuche (2018) menciona estudos sobre a efetividade da terapia via videoconferência no tratamento de ansiedade e depressão, transtorno de estresse pós-traumático, pânico e agorafobia, assinalando resultados igualmente positivos ou ainda superiores aos de terapias presenciais. Para parte dos pacientes, estar atrás das telas permite uma atitude mais livre e desinibida (CERTUCHE, 2018). Resultados de pesquisa qualitativa com três pacientes numa abordagem terapêutica gestáltica indicou que a psicoterapia em meio virtual

“apresenta-se como uma prática promissora e que pode alcançar em profundidade a subjetividade, o sofrimento e as nuances da existência humana que se apresentam.” (Faria, 2019).

Faria ainda comenta que uma das pacientes não ficou tão satisfeita com a psicoterapia *online* quanto gostaria, dado que evidencia que apesar dos indícios de funcionalidade, viabilidade e poucas diferenças do atendimento presencial, o modelo talvez não seja adaptável a todas as pessoas.

“As narrativas mostraram também que sentir-se compreendida, escutada e que seu sofrimento é importante para a terapeuta pode ter feito com que as clientes se sentissem vinculadas e conectadas com a psicóloga. Por isso, destaco que em termos de compreensão, sentimento de conexão com o cliente, capacidade de empatia, disponibilidade de afeto, capacidade de presença genuína, enquanto terapeuta, não percebi diferenças comprometedoras em termos qualitativos do atendimento presencial.” (Faria, 2019)

Em estudo de caso, Almeida (2020) aponta que o estranhamento referente à análise via videochamada tratava de uma resistência da analista, o que interferia na disponibilidade à escuta. Aponta também que o reconhecimento de tal resistência amenizou o incômodo com relação à modalidade e permitiu a percepção de que pela voz e pela palavra era reproduzido na análise à distância aquilo o que a dupla analista e analisanda vivia presencialmente, ou seja, o que era vivido em transferência.

Apesar das evidências apontarem a videoconferência como uma modalidade de atenção psicológica eficaz, encontramos resistência em sua aplicação por parte dos profissionais, e além disso aponta-se a necessidade de aprofundamento nos estudos sobre os seus resultados (CERTUCHE, 2018). Uma das maiores preocupações da modalidade *online* é a qualidade do vínculo terapêutico. Estudos referem um forte laço entre terapeuta e paciente, comparável à terapia face a face (MORÓN y AGUAYO, 2018). A qualidade do vínculo apresenta-se de maneira mais empobrecida, porém, quando trata-se de terapia *online* em grupo.

“dada la buena adaptación de los terapeutas y la rentabilidad de esta modalidad de atención, es posible que la misma persista aun cuando la presencialidad vuelva a habilitarse.”⁴ (CEBERIO et al, 2021)

Os autores apontam a terapia por videoconferência como alternativa com resultados promissores à psicoterapia tradicional, com o benefício de torná-la mais acessível.

Ruiz (2021) afirma que a psicoterapia *online* não supera a eficácia dos tratamentos tradicionais na maioria dos casos e reitera a importância de uma capacitação digital adequada para os profissionais. Compreende a resistência dos psicólogos ao uso como um receio de que as tecnologias substituam o trabalho psicoterapêutico presencial, respondendo que não se trata de substituir, mas complementar a psicoterapia especialmente em situações como a que estamos vivendo na pandemia de COVID-19.

“Dentro de las limitaciones, no obstante, se encontraron las siguientes: estas aún no superan la eficacia de los tratamientos tradicionales, existe la necesidad de capacitación digital especializada y la mayoría de los psicólogos se muestran renuentes a usarla debido al temor de que las tecnologías suplanten al terapeuta. Al respecto, cabe indicar que no se trata de reemplazar, sino de complementar la psicoterapia, en especial en situaciones como las generadas por la pandemia actual.”⁵ (Ruiz, 2021)

Por último, é preciso ter cuidado para que a atenção psicológica no ambiente virtual não fique restrita a um uso elitista ou à parte da população, mas compreender como esse serviço pode ser implementado nos serviços públicos de saúde e de apoio à população, de modo a oferecer suporte no contexto de pandemia e pós

⁴ Dada a boa adaptação dos terapeutas e a rentabilidade dessa modalidade assistencial, é possível que persista mesmo quando o atendimento presencial for reativado.

⁵ “Dentro das limitações, porém, foram encontradas as seguintes: ainda não superam a eficácia dos tratamentos tradicionais, há necessidade de treinamento digital especializado e a maioria dos psicólogos reluta em utilizá-lo pelo medo de que as tecnologias substituam o terapeuta. A esse respeito, cabe destacar que não se trata de substituir, mas de complementar a psicoterapia, principalmente em situações como as geradas pela atual pandemia”. (Ruiz, 2021)

pandêmico, uma vez que muitas pessoas que não tinham acesso à terapia pela distância física agora podem acessá-la de qualquer lugar do mundo.

CAP II. Vínculo terapêutico

II. i. Presencial

Como um dos principais fatores relacionados ao vínculo terapêutico, Certuche (2018) aponta a empatia, que implica na compreensão do outro a partir do seu referencial próprio de experiência. Segundo Certuche (2018), no processo terapêutico a compreensão do outro vai além do intelectual, envolvendo uma conexão emocional com o paciente que implica na oferta de reações adequadas às suas demandas. Outro ponto importante é a escuta ativa, que diz respeito à atenção a tudo o que está sendo comunicado pela pessoa que se apresenta diante do terapeuta por meio do seu tom de voz, olhar, postura, trejeitos, velocidade da fala, pausas, gestos e vestimenta. Certuche (2018) aponta que uma condição de cordialidade e afeto é indispensável para estabelecer qualquer tipo de interação positiva entre seres humanos. Numa relação terapêutica isso implica na capacidade de fazer com que o paciente sintam-se importante e acolhido. Segundo Faria (2019), para aproximar-se é preciso que o terapeuta transmita um sentido de preocupação pelo seu paciente e que tenha uma atitude de acolhimento e validação das suas necessidades, sentimentos, desejos, valores, conflitos, crenças e da totalidade da existência do outro, do seu ser-no-mundo⁶. Sendo a relação terapêutica uma interação entre seres humanos, torna-se indispensável levar em conta o conceito da presença terapêutica, que engloba níveis físico, emocional e cognitivo. Ressalta-se a importância do contato com o paciente no momento presente, a apresentação de atitude de abertura e receptividade, além de um compromisso de estar ali *com* o paciente e *para* o paciente, demonstrando que se está presente à serviço do seu processo psicoterapêutico (CERTUCHE, 2018).

Outro fator importante para o vínculo terapêutico nas abordagens humanistas é a demonstração de autenticidade por parte do terapeuta, fator indispensável para

⁶ O conceito será abordado no Capítulo 3: Análise Existencial

a construção de um vínculo terapêutico positivo (CERTUCHE 2018). Estar presente implica que o terapeuta deve estar consciente da sua própria experiência, conhecimentos, ferramentas e habilidades clínicas, o que permite responder de maneira sintonizada com o paciente, fortalecendo o laço emocional e cinestésico do encontro. Faria (2019) afirma que, em termos de compreensão, sentimento de conexão, capacidade de empatia, disponibilidade de afeto, capacidade de presença genuína, não há diferenças comprometedoras em termos qualitativos do atendimento presencial do atendimento *online* via videoconferência.

II. ii. Online

Ao estabelecer um vínculo terapêutico no ambiente *online* é preciso considerar as particularidades desse meio de comunicação, levando em conta fatores psicológicos e práticos. Existem vários meios disponíveis para realizar psicoterapia por videochamada e é preciso ter o cuidado de acordar com o paciente antes da sessão qual meio será usado (Skype, Google Meet, Zoom, etc), de modo a proporcionar acolhimento desde o primeiro contato e não perder tempo de sessão com questões práticas relativas à plataforma que se utilizará para o encontro. Caso o paciente não tenha baixado nos seus dispositivos nenhuma das plataformas, é importante instruí-lo a fazer o *download* previamente à sessão e auxiliá-lo conforme necessidade.

Uma boa conexão à rede é imprescindível para a realização do trabalho terapêutico *online*. Certuche (2018) aponta que a interrupção da sessão por queda de rede, queda de eletricidade ou descarregamento dos dispositivos eletrônicos é um aspecto que gera perda de tempo terapêutico e compromete o fluxo de conteúdos abordados na sessão. No caso de interrupções mais longas, o estudo demonstra satisfação por parte das pacientes quando a terapeuta apresentou interesse em restabelecer a conexão, dando sequência à sessão por meio de telefonema. Outro ponto abordado por Certuche (2018) é o atraso (*delay*) no áudio, sobre o qual apontam-se vantagens e desvantagens. Por um lado, as pacientes ficaram satisfeitas por terem um tempo a mais para refletir sobre o seu discurso e sobre o discurso da terapeuta, tendo mais momentos de silêncio nos quais suas emoções tinham espaço para acontecer. Por outro lado, uma das pacientes relatou

que houve momentos em que era difícil determinar quando a fala da outra tinha terminado, o que ocasionou no atropelamento dos discursos e interrupção no fluxo de pensamentos. Nenhuma das participantes demonstrou insatisfação referente ao atraso de imagem, afirmando reiteradamente a importância do áudio.

Segundo Ceberio (2021) na psicoterapia virtual paciente e terapeuta estão sujeitos a distrações que se referem ao ambiente em que estão realizando o atendimento ou a mensagens e ligações que podem surgir no dispositivo utilizado durante a sessão. Neste quesito, é importante orientar ao paciente que busque um lugar e horário onde possam ter privacidade e que desative as notificações do aparelho de maneira a minimizar situações que possam tirá-lo da presença da sessão terapêutica. Ademais, recomenda-se que a sessão seja realizada com fones de ouvido de modo a prezar pelo sigilo.

Pesquisa com amostra de 491 profissionais latinoamericanos da área da saúde - 92,9% psicólogos e 7,1% psiquiatras - indica que os maiores problemas de adaptação ao meio *online* relacionados ao espaço físico foram principalmente interrupções e ruídos (52,78%) e escasso sinal de wifi (48,11%) (CEBERIO et al, 2021). Falta de espaço (26,95) e falta de dispositivos (8,69%) adequados foram questões que apareceram em menor escala. Em relação às dificuldades de atenção online tem-se: problemas com a tecnologia (62,06%), maior esgotamento (51,32), cansaço da vista (44,96%), limitações das intervenções (40,79), resistência dos pacientes à modalidade (38,16%) e dificuldade para cobrar honorários (28,73%). Sobre as facilidades os profissionais indicam a economia de tempo (78,73%), diminuição do risco de contágio (78,29%), economia de custos (60,09%), maior disponibilidade no manejo dos horários das sessões (58,55%), comodidade (50,85%), tranquilidade no espaço (22,59%) e menor esgotamento (8,99%). Apenas 11% dos profissionais indicaram baixa adaptação ao método.

Apesar das dificuldades técnicas indicadas, destaca-se a boa adaptação ao uso da tecnologia, visto que maior parte dos profissionais têm a atenção, a escuta e a palavra como ferramentas principais e relatam que as demais variáveis, como contato corporal, conteúdo emocional e uso do corpo no espaço terapêutico foram se adaptando à virtualidade (CEBERIO et al, 2021). A boa adaptação por parte de

terapeutas e pacientes abre a oportunidade para que a terapia *online* possa tornar-se uma alternativa à psicoterapia virtual em uma realidade pós pandêmica. Destaca-se, ainda, a importância de incorporar uma capacitação específica da modalidade na formação profissional de saúde mental.

Zerbinatti (2020) aponta que, ao menos nas primeiras semanas de atendimento não presencial tem sido constatado por muitos psicólogos maior cansaço ao final de um dia de trabalho em relação a mesma jornada e pacientes em modo presencial, e atribui o acontecimento ao fato de que uma sessão não presencial tende a ser mais acelerada que uma sessão presencial. Esse fato está diretamente relacionado ao silêncio, ou melhor, à falta dele. Zerbinatti (2020) aponta indícios de que o silêncio pode ser menos tolerável numa situação não presencial, fato decorrente do risco de extinção da sessão por queda de conexão. Há a preocupação se o outro pôde ouvir o que foi dito e a possibilidade de uma “falta de conectividade”, o que traz a atenção para fora e o desvia de si. Isso influencia diretamente no ritmo da sessão, de modo a acelerá-lo e fazer com que haja maior demanda dos profissionais durante os atendimentos.

De acordo com Proaño & Porras (2020), a confidencialidade é o ponto mais crítico da intervenção psicológica *online*, pois questiona-se a segurança dos dados fornecidos pelo paciente na dinâmica e intervenção ocorridas pela intermediação das TICs. Ruiz (2021) aponta a necessidade de discussões embasadas no código de ética em cada país sobre esse tipo de psicoterapia que deveriam ser produzidas nas universidades de modo a oferecer aos usuários um serviço de maior qualidade e confidencialidade apoiado numa formação profissional adequada neste âmbito. Faria (2019) traz a reflexão de que os serviços psicológicos no meio virtual devem estar à serviço da saúde mental, alívio do sofrimento, favorecimento de escolhas mais saudáveis e à expansão da compreensão existencial, sem incorrer na busca pela lucratividade como um fim em si mesma que a internet pode oferecer, mas tendo como fim que todo serviço psicológico tem como fim último o ser humano.

A internet oferece alguns riscos aos seus usuários, como a dificuldade para confirmar uma informação por trás da tela, existindo maior risco de aceder a um serviço terapêutico oferecido por uma pessoa sem formação profissional adequada,

por exemplo. É preciso compreender no aprofundamento da psicoterapia *online* os requisitos legais de cada país, questões relacionadas à ética da profissão, preparação dos profissionais para o uso das tecnologias, demandas do contexto profissional e particular, além da qualidade da conexão de rede e o sigilo da sessão.

CAP III. Analítica Existencial

A analítica existencial heideggeriana tem como fundamento o método fenomenológico, que parte do pressuposto de que o conhecimento se forma de maneira relativa ao sujeito, uma vez que só pode ser estruturado a partir dele. Constitui-se desta forma a visão do objeto como fenômeno indissociado do sujeito, ou seja, a realidade não como poderia ser em si mesma, mas como apresenta-se ao sujeito do conhecimento. Ao apresentar-se ao sujeito, a realidade é condicionada por certas estruturas subjetivas, dado que o mundo só pode ser compreendido a partir da forma como aparece para a consciência humana. Não existe um mundo em si e nem uma consciência em si, mas sim uma consciência responsável por dar sentido às coisas (MENEZES, 2019).

“A analítica existencial nos permite pensar o ser humano a partir da compreensão, enquanto esta possui uma estrutura a priori. Mas esse a priori não se separa da existência. Ele é a existência enquanto transcendência. Assim como se afirma que há categorias na metafísica (em Aristóteles, Santo Tomás e Suárez), que são as possibilidades de nosso acesso às coisas e ao ser humano como coisa, assim também os existenciais são os modos de ser do Dasein e então do ser humano, a partir dos quais se constitui o mundo e a relação com as coisas no mundo.” (BRASIL, 2005)

Em *Ser e Tempo* (1927), Martin Heidegger propõe-se a realizar uma análise existencial em vista de uma ontologia fundamental de modo a investigar sobre o sentido do ser. Tendo como fio condutor o conceito de existência, a analítica existencial de Heidegger interroga pelo sentido do ser com o objetivo de alcançar uma ontologia fundamental do ser-aí (KIRCHNER, 2016). Para tanto, Heidegger passa a utilizar-se do conceito *hermenêutica da facticidade*, buscando garantir a unidade estrutural do fenômeno do mundo do *dasein* (KIRCHNER, 2016). A

analítica busca descrever fundamentalmente a maneira pela qual o ser a todo momento compreende a si mesmo.

Na analítica existencial há duas ideias centrais recorrentes: “a compreensão do ser é em si mesma uma determinação do ser do ser-aí.” (Heidegger, 2006, p. 48) e “o ser-aí é o que, sendo, está em jogo como seu próprio ser.” (Heidegger apud KIRCHNER, 2016). Para o filósofo, o ser-aí já está sempre no mundo, existe no mundo, portanto *já* é sempre em um determinado sentido, orientação, circunstância, numa determinada trama de sentidos. O ser-aí é tido como o ser que, entre muitas possibilidades de ser, possui a capacidade para questionar a própria questão pelo sentido do ser.

“[...] enquanto lançado e jogado no mundo, está continuamente na possibilidade, na tarefa, na responsabilidade de assumir-se dessa ou daquela maneira. Nesse sentido, está na responsabilidade de dar sentido à totalidade dos entes, tanto aos entes que não são ele mesmo como aos entes que são ao modo dele mesmo. Esse modo de compreender existencialmente o ser humano, como ser-aí revela que ele é um ente concreto, finito, mortal, histórico, temporal” (KIRCHNER, 2016)

As estruturas ontológicas que constituem o ser-aí Heidegger denominou *existenciais*. Neste estudo serão abordados os existenciais ser-no-mundo, ser-com, existência, corporeidade, temporalidade e espacialidade, disposição afetiva e compreensão.

“Os existenciais nada mais são do que os esquemas pelos quais o Dasein é interpretado no mundo e se compreende no mundo, pois nele se singulariza o universal.” (BRASIL, 2005)

O primeiro existencial é o ser-no-mundo, ou seja, o *dasein* está sempre em relação com o mundo (aqui lê-se mundo em sua totalidade e complexidade, ou seja, mundo dos afetos, do conhecimento, interesses, desejos, preocupações, entre outros aspectos), está sempre em relação a algo ou alguém.

“ [...] o mundo subentendido ou pressuposto não é aquele que se põe por qualquer dos modos antes referidos, mas o que advém da mundanidade do mundo. Mundanidade, para Heidegger, é um conceito ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo (que, por sua vez, como visto, é uma determinação existencial do Dasein). Assim, na investigação ontológica do mundo a analítica do Dasein não é abandonada, pois mundo é um caráter do próprio Dasein (HEIDEGGER, 1993 apud BRASIL, 2005).

O segundo traço fundamental é a *existência*, característica que aponta que o ser-aí está sempre fora de si, diante de si pelos seus ideais e possibilidades. A existência é definida pela característica transcendente do *dasein*. Em seguida, Heidegger apresenta a temporalidade como existencial, ao afirmar que o ser humano só pode existir junto à temporalidade, visto que o existir implica na construção de um futuro. Dasein configura-se como uma compreensão de passado, presente e futuro e é isso que permite que ele se encontre para além de si mesmo nas possibilidades futuras. Existir, para Heidegger, é o mesmo que temporalizar-se. Outra característica é o ser-para-a-morte, visto que a morte é a única certeza da vida e se faz a todo instante presente.

“Sempre nos projetamos para além do que somos diante do mundo, somos seres dinâmicos (pensamos no futuro, nos preocupamos com o que nos acontece, escolhemos possibilidades, fundamentalmente nos antecipamos, superamos o presente), ou seja, transcendemos o que somos a cada momento. A natureza do homem, ou seja, sua essência, consiste na sua existência; esta precede e determina esta essência.” (Bressan et. al)

Heidegger distingue dois modos de ser do ser-aí: a *manualidade* e *ser simplesmente dado*, estruturas pelas quais o dasein se relaciona, comporta e ocupa com os entes. A manualidade, segundo Kirchner (2016), revela que o ser-aí já se ocupa em função de si mesmo, enquanto *ser simplesmente dado* remete ao modo como o ser-aí em geral “não é”, ou seja, o modo impróprio de ser, decadente.

Mesmo o modo impróprio e decadente remete a um modo de ser fundamental próprio e único, o que significa que, em última instância, sempre haverá a possibilidade de recuperar-se da impropriedade e decadência, retornando

para si mesmo em um sentido próprio. Existência constitui-se como dinâmica de estruturação de sentido.

“[...] a palavra “existir” provém de *existere*. O “ex” expressa o movimento de dentro para fora, ou melhor, necessidade vital de ter de realizar, isso ou aquilo, desta ou daquela forma, para poder ser sob um modo possível de ser. Isso dá-se na medida em que o ser-aí, sempre de novo, incessante e incontornavelmente, se descobre num determinado projeto de sentido, numa determinada ocupação, num determinado envio histórico; o “sistere” expressa, por sua vez, a dinâmica de contínua in-sistência e persistência na estruturação de sentido.” (KIRCHNER, 2016).

O ser humano vive sua existência como construção de sentido situado no tempo e no espaço e é nessa condição que manifesta seu caráter intersubjetivo (CARVALHO, TOMAZ. 2020). Segundo Costa, Lopes, Samaridi (2017), na abordagem fenomenológica o tempo é tido como o horizonte para a compreensão e construção do ser, fazendo parte da orientação significativa, sendo extensão e criação da realidade humana.

Na perspectiva fenomenológica não há uma cisão entre mente e mundo/mente e corpo. A existência humana, concebida como ser-no-mundo, é sempre junto às coisas. *Dasein* só pode ter acesso a si enquanto compartilha a presença dos entes que são distintos dele mesmo, o que significa que a maneira de *dasein* ser no mundo é sendo corporal. Sob essa perspectiva, a corporeidade configura-se como um existencial, o que significa que *dasein* é corporal. Este existencial oferece material reflexivo para pensar na possibilidade da presença física e virtual.

Os existenciais estão sempre imbricados nos demais, o que significa que a análise existencial da corporeidade implica tempo e espaço, outros existenciais. Corporeidade diz respeito não ao corpo que temos, mas ao corpo que somos. Nesse sentido, a fenomenologia da corporeidade busca descrever a qualidade da experiência intimamente ligada à questão do corpo sendo o meio pelo qual estamos em contato com o mundo. Costa (2018) diz que o corpo propriamente dito não é o que possibilita a relação do *dasein* com os entes do mundo, afinal o fisiológico

necessita da abertura compreensiva do ser-aí para relacionar-se com o seu corpo como seu e encontrar-se com os outros entes.

“Decerto que o *Dasein* relaciona-se com o outro corporalmente, mas isso não se dá primordialmente a partir dos sentidos do corpo. O âmbito fisiológico não é uma condição suficiente, uma vez que não é o fisiológico que fundamenta a abertura relacional do *Dasein* ao mundo e ao outro, mas sim a sua abertura pré-compreensiva ao ser e ao mundo.” (COSTA, 2018).

Para uma melhor compreensão, Costa (2018) propõe uma análise conjunta da corporeidade ao caráter ontológico da espacialidade e os existenciais disposição e compreensão, que estruturam o *dasein* enquanto abertura. O caráter ontológico espacial remete ao modo como o *dasein* direciona-se para o mundo, aproximando ou distanciando os entes em sua ocupação. Ir ao encontro de um ente (ou deixá-lo vir) constitui o caráter da aproximação, o que não remete necessariamente ao movimento de trazer o ente a uma menor distância do próprio corpo, mas antes, ao caráter ontológico espacial, ou seja, à supressão da distância à medida em que o *dasein* se ocupa, se entretém e se envolve de determinado ente. Estar junto dá-se, portanto, numa compreensão daquilo com o que se ocupa.

“Enquanto ser espacial, o *Dasein* vai ao encontro do ente, não como uma “coisa corpórea”, ele não percorre distâncias métricas, mas se espacializa, traz o ente para a sua proximidade na medida em que se ocupa e se envolve de alguma maneira com ele. [...] Por conseguinte, dis-tanciar o ente em uma espacialização, tornar próximo, com ele ocupar-se, é um modo do corporar.” (COSTA, 2018)

O fenômeno da corporeidade diz respeito ao modo de ser ôntico-ontológico do *dasein*, no qual o “seu” corpo encontra-se, na maioria das vezes, velado. É porque a corporeidade se apresenta como fenômeno, como um modo de ser, que o corpo do *dasein* pode ficar oculto quando ele está totalmente envolvido em uma ocupação (COSTA, 2018). Por fim, é no existencial da disposição que o corpo insere-se no seu si mesmo como corporeidade. A corporeidade co-pertence ao si mesmo, co-participando da constituição do *dasein* como ser-no-mundo. A disposição abre um modo de ser e estar no mundo afinado em determinado humor na sua relação com os entes.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (1927) distingue dois modos fundamentais de ser-no-mundo: o modo da autenticidade (propriedade) e da inautenticidade (impropriedade). Para Heidegger o encontro com o outro é tido a partir de uma perspectiva individual e analítica do próprio *ser-aí* em relação consigo mesmo. Esse pertencimento ontológico para com os outros pode ser encarado de forma autêntica ou inautêntica, sendo a primeira vivida à medida que o *ser-aí* estabelece relações com o outro a partir de uma maneira própria de existir, antecipando seu si mesmo e orientando seu co-pertencimento por meio de um referencial próprio.

Para existir em seu modo de ser autêntico, o *ser-aí* precisa encontrar a si e poder-ser a partir de si mesmo (ALMEIDA & DIAS 2020). Para que essa manifestação aconteça é preciso antes que o *ser-aí* reconheça que há um si mesmo *mais próprio* a ser recuperado, e nesse processo ganha espaço a consciência (Gewissen) do *ser-aí*, a medida em que convocado por ela a resgatar o seu si mesmo. Evidencia-se portanto o caráter individualista da recuperação do “si-mesmo”, promovida por uma proclamação da consciência que o *ser-aí* torne-se o poder-ser-si-mesmo autêntico. A consciência apela pelo *ser-aí* em sua própria individualidade, quando o *ser-aí* sozinho coloca-se diante de si a partir do seu próprio ser. Para Heidegger o *dasein*, na consciência, clama por si mesmo.

Segundo Almeida & Dias (2020), o apelo interno provém de uma estranheza de não-sentir-se-em-casa proporcionada pela angústia, que realiza a abertura originária e primária do mundo como mundo e do ser-no-mundo como ser-no-mundo retirando a possibilidade do *ser-aí* imergir-se na decadência em que permanece encoberto para si enquanto na interpretação pública do impessoal e inautêntico. É portanto uma convocação a deixar de se perder nos outros para poder ser a partir da própria individualidade.

“[a consciência] Convoca o Dasein a considerar suas próprias possibilidades, mais do que o cardápio oferecido pelo impessoal, e a escolher por si mesmo o que fazer” (INWOOD, 2002, p. 23 apud ALMEIDA & DIAS, 2020).

A consciência proclama, portanto, o ser-aí sozinho a colocar-se diante de si mesmo a partir do seu próprio ser.

Heidegger traz à tona a questão do ser-com (Mitsein). Para o autor, "O *ser-com* é um constitutivo existencial do ser-no-mundo" (HEIDEGGER, 1988, p. 178 apud ALMEIDA & DIAS, 2020), de modo que cessar de ser-com equivaleria a cessar de *ser-aí*.

"O encontro é a experiência em que, valendo-nos da relação com o outro humano, aprendemos algo e crescemos existencialmente" (Giovanetti, 2015, p. 85.)

Na dinâmica do encontro se abre a possibilidade da psicoterapia na abordagem fenomenológica existencial. O encontro terapêutico enfatiza o "aqui e agora", dando atenção à experiência imediata daquele que está diante de si e ao momento presente da relação que se estabelece entre terapeuta e paciente. Essa perspectiva de relação é enfatizada por uma série de modelos psicoterápicos, que trazem elementos semelhantes com a base fenomenológica existencial. Nesta compreensão, a interação se estabelece sob uma dinâmica que está para além do psíquico, pois se refere à ontologia do homem, que é originariamente relacional (ser-com).

Capítulo IV. Discussão

O encontro é atual, um evento que acontece atualmente, isto é, na presença, (ZUBEN 2003, apud CORDEIRO, 2019) o que significa que uma relação engloba o encontro. É a atitude de abertura para o outro que fomenta o acontecimento do encontro entre dois seres humanos, propiciando o desvelamento do eu que já não é o mesmo, mas um eu em relação (LUCZINSKI e ANCONA-LOPEZ 2010 apud CORDEIRO, 2019). Cordeiro (2019) apresenta a relação como uma possibilidade de desvelamento de novos significados a partir da troca de conteúdos humanos.

Segundo Giovanetti (2015) três pontos são elencados para caracterização da relação humana. O primeiro ponto diz respeito ao conhecimento do outro como sujeito dos seus próprios atos e aponta a capacidade de escolher dentre as

possibilidades como maneira de direcionar a própria vida. Em seguida é apresentada a ideia da aceitação do outro como ele se apresenta, com uma postura de abrir-se ao novo e ao diferente, postura que demarca profundo respeito pelo outro. Por último, trata-se da ocorrência de mobilização de afetos, o que favorece a criação de vínculos interpessoais. É somente a partir da observação das mobilizações causadas pela repercussão do outro em nós que podemos enfim desvelar significados para esse movimento. Segundo Giovanetti (2015), uma relação humana tem como elementos estruturais o *encontro*, o *diálogo*, a *reciprocidade* e o *vínculo*.

Segundo Werneck Filho (2014), a compreensão fenomenológica se une ao movimento de relação entre terapeuta e paciente de modo a oferecer uma possibilidade de construção de nova convivência e, portanto, uma nova maneira de estar no mundo. Para que isso aconteça, é imprescindível que o ser do terapeuta esteja em jogo com o ser do paciente. Tendo em vista a natureza relacional do ser humano, a qualidade das relações estabelecidas com o meio tornam-se relevantes à compreensão da atuação do ser-no e com-o-mundo. A postura apresentada pelo terapeuta apresenta fundamental relevância, vez que seu modo de relacionar-se pode ou não representar um convite ao diálogo autêntico com o paciente. O terapeuta deve estar diante do paciente de modo que a relação abra possibilidades de transformação inerentes à condição humana. A presença do terapeuta, então, torna-se a primeira e talvez a sua principal intervenção ao longo de todo o processo psicoterapêutico. Pode-se dizer que o encontro é, também, um estado de abertura de ser. De acordo com o existencial espacialidade, a distância de *dasein* dos entes está mais relacionada à sua ocupação com eles do que com a distância ou proximidade física. Isso indica que o encontro virtual que contempla as questões abordadas acima pode permitir que o terapeuta e paciente estejam em jogo em uma relação autêntica, possibilitando o desenvolvimento da psicoterapia *online*.

Na experiência cotidiana imediata o tempo é vivenciado como totalidade que engloba aquilo que já foi e deixou de ser (passado) e aquilo que ainda não é (futuro) sintetizando os três tempos - passado, presente e futuro - na experiência imediata do presente. Na analítica existencial o momento presente se apresenta como um espaço em que as situações vividas podem ser revisitadas e

ressignificadas a partir de um estado de maior atenção e presença com o auxílio do terapeuta. O terapeuta trabalha no aqui e agora tem o papel de oferecer ferramentas para que o paciente tome consciência das suas experiências e vá se apropriando da sua existência à medida em que entra em contato com “aquilo que é” e os seus sentidos. Segundo Costa, Lopes, Samaridi (2017) atuar no aqui-e-agora é trabalhar com o fenômeno que se mostra e requer plena atenção e sentidos aguçados do terapeuta de modo a enfatizar observações feitas por meio da descrição fenomenológica. Por meio da atitude descritiva o terapeuta auxilia o paciente no processo de autopercepção, importante passo para o desenvolvimento da conscientização de si.

Para atuar como psicoterapeuta deve-se deixar tocar pelo outro que está diante de si, colocando-se à disposição como contraparte humana, como um eu frente ao outro e adentrar livre de julgamentos no encontro autêntico. A prática psicoterapêutica embasada na linha fenomenológico existencial diz respeito a um modo de estar diante do paciente fundado no cuidado, que é, sob ponto de vista ontológico, definido como o ser da existência, enquanto que de modo ôntico estrutura-se uma relação na qual se busca a liberdade e a responsabilidade do outro para ser quem se é de maneira mais autêntica (EVANGELISTA & CARDOSO, 2020). O terapeuta deve atuar como um facilitador na busca pelo autoconhecimento através do desvelamento dos sentidos da experiências da atualidade. Segundo Evangelista & Cardoso (2020), sentir-se escutado, ter um interlocutor para quem explicitar a situação atual, dilemas e dores não seria prerrogativa do encontro presencial.

Capítulo V. Conclusão

Segundo Aguiar e Bernardes (2020) a Internet tem se mostrado como potencial modo de relação e possibilitando novas formas de se relacionar. Tanto nas relações face-a-face quanto naquelas mediadas pela internet, o Outro aparece com tanto protagonismo quanto o Eu, pois a própria noção que o Eu tem de si só é possível a partir de um mundo experienciado com o Outro. Tendo em vista a natureza compreensiva de dasein, concluo que, mediados pelas relações de Internet, pode haver um encontro com o outro e uma relação na presença, o que

ofereceria um espaço para a realização da psicoterapia na abordagem fenomenológico-existencial via videochamada. Dasein é um ser que se adapta às situações e o mundo virtual é um dos seus aspectos adaptativos. A relação virtual não substitui a relação presencial e pode não se adequar a todos os casos, porém possibilita que encontros autênticos aconteçam desde que haja abertura e comprometimento por parte do terapeuta e do paciente, podendo desenvolver-se um frutífero processo psicoterapêutico em âmbito *online*, o que abre possibilidade para novas formas de cuidado que podem se estender para além do contexto da pandemia.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, F. BERNARDES, A. **O território como experiência: ensaio de geografia fenomenológica existencial.** Associação dos Geógrafos Brasileiros, V.2 n.42. Presidente Prudente, 2020.

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7882>

AHMED, F. DAS, A. BHATTACHARJEE, S. CHOUDHURY, A. DUTTA, S.P. ROYCHOUDHURY, S. SENGUPTA, P. SLAMA, P. **Viral Pandemics of the Last Four Decades: Pathophysiology, Health Impacts and Perspectives.** Int J Environ Res Public Health. 2020 Dec.

ALMEIDA, R. DIAS, R. **Martin Heidegger e Martin Buber: Reflexões fenomenológicas acerca da alteridade.** 2020.

AQUINO, Estela M. L. et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil.** *Ciência coletiva*, VOL. 25 [online]. 2020.

Autoridades afirmam que o isolamento social é fundamental para evitar colapso na saúde. Secretaria Especial de Comunicação. Abril, 2020. Disponível em <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/autoridades-afirmam-que-isolamento-social-e-fundamental-para-que-nao-haja-colapso-na-saude>

BEZERRA, A.C.V. SILVA, C.E.M. GAMELEIRA, F.R.G. SOARES, G. SILVA, J.A.M. **Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, 2020.

BITTENCOURT, H.B. RODRIGUES, C.C. SANTOS, G.L. SILVA, J.B. QUADROS, L.G., MALLMANN, L.S. BRATKOWSKI, P.S. FEDRIZZI, R.I. **Psicoterapia on-line: uma revisão de literatura.** Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. 2020.

BRASIL, L. **A espacialidade do *Dasein*:** um estudo sobre o § 24 de *Ser e Tempo*. Porto Alegre, 2005.

BRESSAM, A. WATANABE, A. PARDAL, P. **Conceitos do existencialismo vistos sob a ótica de Martin Heidegger.**

CARVALHO, J. M. TOMAZ, M. S. **Martin Buber e a fenomenologia: o encontro no discurso filosófico e psicológico.** Transformação, Revista de Filosofia UNESP. 2020.

CEBERIO, MR. AGOSTINELLI, J. DAVERIO, R. BENEDICTO, G. COCOLA, F. JONES, G. et al. **Psicoterapia online em tempos de Covid-19:** adaptação, benefícios, dificuldades. Arch Med, Manizales, 2021.

CERTUCHE, I. D. **Estudio de casos de la relación terapéutica en una intervención realizada por videoconferencia.** Colombia, 2018.

CORDEIRO, A. **O encontro na abordagem fenomenológico existencial.** Belo Horizonte, 2019.

COSTA, D. **Corporeidade e existência em Heidegger.** UFRB. Bahia, 2018.
[Vista do CORPOREIDADE E EXISTÊNCIA EM HEIDEGGER \(uefs.br\)](#)

COSTA, V. LOPES, M.R. SAMARIDI, I. **A vivência aqui - e - agora na relação terapêutica na abordagem gestáltica.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, 2017.

Covid-19: Vinte e quatro das 27 unidades da federação estão com mais de 80% dos leitos de UTI ocupados. GLOBO. Março, 2021.

Epidemias e as Pandemias na História da Humanidade. FMUL. Lisboa, março 2021. Disponível em [As Epidemias e as Pandemias na História da Humanidade | Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa \(ulisboa.pt\)](https://www.fmed.ulisboa.pt/pt/epidemias-e-as-pandemias-na-historia-da-humanidade)

EVANGELISTA, P. CARDOSO, C. **Aconselhamento psicológico fenomenológico-existencial online como possibilidade de atenção psicológica durante a pandemia de COVID-19.** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2020.

FARIA, G. **Constitución del Lazo Terapéutico en Psicoterapia En Línea: Perspectivas Gestálticas.** *Rev. NUFEN* [online]. 2019, vol.11, n.3, pp. 66-92. ISSN 2175-2591.

FARIAS H. **O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade.** OpenEdition Journals, ano IX, número 17. 2020.

GIOVANETTI, J. P. **A relação terapêutica na perspectiva fenomenológico existencial.** Fundamentos filosófico-antropológicos. FEAD. 2015.

GUZMAN MARTINEZ, C. **Intervención y psicoterapia en crisis en tiempos del coronavirus.** Santiago, Abril, 2020.

HERZOG, E. **A Cura através do encontro: Aspectos de Martin Buber para a psicoterapia.** Revista Filosófica São Boa Ventura, V.14 n.2, 2020.

KIRCHNER, R. **A analítica existencial heideggeriana: um modo original de compreender o ser humano.** *Rev. NUFEN* [online]. 2016, vol.8, n.2, pp. 112-128. ISSN 2175-2591

LIMA, R.C. **Distanciamento e isolamento social pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental.** *Physis* 30. Jul, 2020.

Mais de 80% da população deve ser vacinada para combater a circulação do coronavírus, afirma a infectologista Ceuci Nunes. Icom. São Paulo, dezembro de 2020.

MENEZES, P. **Fenomenologia de Edmund Husserl.** Revista Toda Matéria, 2019.

MORÓN, M. J. AGUAYO, V. L. **La psicoterapia on-line ante los retos y peligros de la intervención psicológica a distancia.** Colegio Oficial de Psicología de Andalucía Occidental, Vol. 36, número 1-2, págs. 107-113. España, 2018.

OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. OPAS, 2020. Disponível em https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812

ORNELL, F. SCHUCH, J. SORDI, A. O. KESSLER, F.H. **Pandemic fear and COVID-19: mental health burden and strategies.** BJP, may-jun 2020.

PRADO, O. **Terapia via internet e a relação terapêutica.** São Paulo, 2002.

PROAÑO, G. PORRAS, D. **Las tecnologías de la información y comunicación en psicoterapia en COVID-19.** Hamut'ay, 7 (2), 58-63, 2020.

Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus. Ministério da saúde, 2020. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/> acessado em março de 2021.

RUIZ, Caudia Delfín. **Aplicaciones de la ética en la psicoterapia online: un estudio documental.** Revista Iberoamericana de producción Académica y Gestión Educativa. Enero 2021, México.

SOTO-PEREZ, F. FRANCO M. MONARDES, C. & JIMÉNEZ, F. **Internet y psicología clínica: Revisión de las ciber-terapias [Internet and clinic psychology: A review of cyber-therapies].** Revista de Psicopatología y Psicología Clínica, 15(1), 19–37, 2010.

TODESCHINI, M.A. **Análise por (vídeo)chamada: um breve relato sobre os atendimentos na pandemia.** Revista CEPdePA,v. 27. Porto Alegre, 2020.

SANTANA, S. GIRARD, C. COSTA, L. GIRARD C. COSTA, D. **Desafios dos serviços psicológicos mediados pelas TIC no contexto da Pandemia do Coronavírus.** Revista de Biblioteconomia e ciência da informação. 2019-2020.

Serviços Essenciais - COVID-19. Portal da Legislação.

<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/imagens/servicos-essenciais-covid-19>

acessado em março 2021

SILVA, C. A. F. **A dança da vida, fenomenologia do encontro.** Revista Estudos Filosóficos, 2017.

STENZEL, L. M. **A fenomenologia e a relação terapêutica.** Revista Perspectivas em Psicologia, Uberlândia, V.24 n.2, 2020.

WERNECK FILHO, B. D. **O encontro entre paciente e terapeuta:** aglutinação e modificação mútua. Psychiatry online Brasil, Vol. 19, Out. 2014.

ZERBINATTI, B. **Ritmo e cansaço em sessões presenciais e não presenciais.** J. psicanal. vol.53 no.98. São Paulo, jan./jun. 2020.